

SERVIDORES DA ALEGRIA

EXISTÊNCIA SACERDOTAL – SERVIÇO SACERDOTAL

De Cardeal Walter Kasper

KASPER, Cardeal Walter. *Servidores da Alegria: existência sacerdotal — serviço sacerdotal*. ISBN 978-85-15-03504-5. Trad. Milton Camargo Mota. SP: Loyola, 2008.

O Cardeal Walter Kasper — elevado ao colégio em 2001 — foi bispo da diocese de Rottenburg-Stuttgart de 1989 a 1999, é doutor em teologia dogmática e, quando professor, lecionou em Münster, onde teve como colegas teólogos renomados como Karl Rahner e Joseph Ratzinger, e em Tübingen, com Alfons Auer, Hans Küng e Max Seckler, além do contato com teólogos evangélicos como Jürgen Moltmann e Eberhard Jüngel. É autor de vários livros — traduzidos em diversas línguas — como *Einführung in den Glauben* (Introdução à Fé) 1972, *Jesus der Christus* (Jesus, o Cristo) 1974, *Der Gott Jesu Christi* (O Deus de Jesus Cristo) 1982. *Diener der Freude* (Servidores da Alegria) foi publicado pela Verlag Herder Freiburg im Breisgau em 2007, e traduzido para o português já em 2008 pelas Edições Loyola.

O caráter pessoal de *Servidores da Alegria* e os capítulos com vários subtítulos bem distribuídos e concisos, torna-o de agradável leitura. A obra saiu a

lume por ocasião do quinquagésimo aniversário de ordenação sacerdotal do cardeal Kasper e constitui uma espécie de rememoração — sacerdócio e estudos — de uma vida dedicada ao serviço da Igreja. Mas uma rememoração que visa oferecer também um “esperançoso olhar para a frente”, isto é, sobre o futuro da vida dos presbíteros.

O livro está dividido em oito capítulos. São eles: I. O sacerdócio — crise e *kairós* (p. 9-20); II. Existência sacerdotal como existência cristã (p. 21-35); III. A condição sacerdotal na missão apostólica (p. 37-52); IV. O sacerdote — um homem do Espírito (p. 53-65); V. Serviço sacerdotal como serviço pastoral (p. 67-77); VI. O sacerdote — testemunha do Evangelho (p. 79-90); VII. A serviço da reconciliação (p. 91-101); VIII. Existência eucarística (p. 103-126). Também há uma lista de abreviações (p. 127-128) e o índice onomástico (p. 129-131).

No *primeiro capítulo*, o livro não pode deixar de fazer menção ao assunto da chamada crise presbiterial europeia.

Contudo, a partir do significado original da palavra crise (entendida como reviravolta e decisão), o cardeal aponta para o fato de que “começou para a Igreja na Europa uma segunda nova situação de missão” (p. 11) e que uma perspectiva esperançosa (uma esperança sábia — *docta spes*), cujo fundamento é o próprio Cristo, e o esplendor da verdade da fé, poderão conferir “encanto e brilho à vocação sacerdotal” (p. 20). Por isso, afirma o cardeal, “no futuro, o sacerdote será servidor da alegria”. O *segundo capítulo* trata da existência sacerdotal numa perspectiva cristológica. A partir de uma representação de Jesus com João (Cristo e João — Amor de João, Mosteiro Heiligkreuztal, cerca de 1310), o cardeal reflete sobre a amizade pessoal e a comunhão com Cristo como ponto de partida para a compreensão da vida sacerdotal. Sem esquecer-se, é claro, da discussão sobre se Jesus designou-se a si mesmo como sacerdote. Passando pelo sacerdócio comum de todos os cristãos, culmina na afirmação de Maria como modelo e protótipo do discípulado. O *terceiro capítulo* possui uma reflexão sobre a continuidade histórica e fundamentação apostólica da Igreja. São apresentados os critérios da continuidade histórica: comunhão, colegialidade e participação comum na vida do Deus trino (*communio*). O resumo da fundamentação apostólica da Igreja é encontrado, segundo o cardeal, em 1 Cor 15, 3-9. Há também uma menção sobre o problema da ordenação de mulheres. O

quarto capítulo trata do tríplice ministério (bispo-presbítero-diácono) e possui uma fina análise sobre o celibato. Recusando uma explicação puramente sociológica do tríplice ministério, é apresentada uma explicação sacramental do ministério eclesial: “É o próprio Senhor glorioso que constitui pastores na Igreja e atua através deles” (p. 56). O modo espiritual de viver — exigido pelo caráter espiritual do serviço pastoral — é a vida celibatária, como serviço individual ao Reino dos Céus. O *quinto capítulo* trata do serviço sacerdotal como serviço pastoral. A partir da imagem bíblica do pastor — desde o Antigo até o Novo Testamento — o cardeal busca o verdadeiro sentido do serviço pastoral. Jesus é designado como o bom Pastor e, além disso, envia pastores para apascentar Seu rebanho. Por fim, são enumerados alguns traços de quem é um bom pastor. É aquele que: a) guia a partir da fé; b) amigo da vida; c) busca a ovelha perdida; d) tem um coração para os pobres; e) vigilante; f) sacrifica-se pelos outros. Grandes modelos de bons pastores são citados. Entre eles: São João Bosco, São Luís Orione e São Clemente Maria Hofbauer. O *sexto capítulo* mostra o sacerdote como testemunha do Evangelho. Da situação da evangelização na Igreja primitiva e atual, passando pela situação da instrução na fé e da pregação, o capítulo culmina com a passagem evangélica “sereis minhas testemunhas”. Isso porque a proclamação é um testemunho e, muitas vezes, uma história de márti-

res. O *sétimo capítulo* trata do serviço da reconciliação. O cardeal mostra que a misericórdia de Deus e Sua presteza em perdoar, se exprime na conduta de Jesus para com os pecadores. O serviço sacerdotal do sacramento da reconciliação significa a possibilidade do encontro com o Senhor misericordioso e, para além do âmbito pessoal e eclesial, o serviço mesmo de uma paz universal. O *oitavo capítulo* é uma exortação eucarística. Ao analisar as palavras da instituição e as palavras do encargo — “fazei isto em memória de mim” — o cardeal discute a negação do caráter sacrificial da eucaristia (Reforma) e aponta a solução para o problema: uma compreensão mais profunda sobre o significado de memória (*anamnesis*). Em seguida, apresenta a eucaristia como centro e ápice e um breve excuroso sobre a reformulação pastoral que, segundo o cardeal, não está em admitir os *viri probati* (homens maduros, com experiência matrimonial e profissional), mas com a “construção de centros espirituais à maneira de igrejas-pólo” (p. 118). Por fim, conclui com o tema da alegria. Se o homem nasceu para a alegria — e a felicidade está em Deus — o sacerdote é, hoje e no futuro, um *servidor da alegria* (2 Cor 1, 24).

Marcelo Andrade